

REENCONTRO
literatura

Alexandre Dumas

**Os três
mosqueteiros**

Tradução e adaptação em português de

José Angeli

Ilustrações de

Cecília Iwashita



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Ângelo Alexandref Stefanovits

Assistência editorial
Dulce S. Seabra

Preparação
Maria Sílvia Gonçalves

Revisão
Cesar G. Sacramento, Rejane Aguiar Leal,
Gislene de Oliveira e Ana Carolina Nitto

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Diagramação
Fábio Cavalcante

Programação visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ô
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2012

ISBN 978-85-262-4205-0 – AL
ISBN 978-85-262-4206-7 – PR

Cód. do livro CL: 734995

2.^a EDIÇÃO

14.^a impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Les trois mousquetaires*.
Paris Booking International: 1994.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dumas, Alexandre, 1802-1870.

Os três mosqueteiros / Alexandre Dumas; adaptação em português de José Angeli; ilustrações de Cecília Iwashita. – São Paulo: Scipione, 1999. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Angeli, José. II. Iwashita, Cecília III. Título. IV. Série.

99-1817

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <i>Quem foi Alexandre Dumas?</i> | 4 |
| O jovem D'Artagnan | 5 |
| O Sr. de Tréville | 9 |
| O Sr. de Tréville recebe D'Artagnan | 11 |
| Três encontros azarados | 16 |
| Os guardas do Cardeal | 20 |
| D'Artagnan na Guarda Real | 24 |
| Os três mosqueteiros | 29 |
| A senhora Bonacieux | 32 |
| O prisioneiro da Bastilha | 36 |
| O rei e o Cardeal. | 39 |
| O colar de diamantes | 42 |
| A serviço da rainha. | 45 |
| O grande baile de máscaras | 51 |
| O reencontro dos três mosqueteiros | 55 |
| Uma vocação bastante vulnerável | 58 |
| A fortaleza de Athos | 63 |
| A bela e misteriosa inglesa | 66 |
| O segredo de Lady Clark. | 71 |
| A frente de batalha de La Rochelle. | 76 |
| O Conde de La Fère | 81 |
| A falsa amiga. | 87 |
| Finalmente o homem de Meung | 91 |
| Epílogo | 94 |
| <i>Quem é José Angeli?</i> | 96 |

QUEM FOI ALEXANDRE DUMAS?

O escritor francês Alexandre Dumas nasceu em Villers Cotterets em 24 de julho de 1802 e morreu em 5 de dezembro de 1870, em Puys, uma pequena localidade próxima de Dieppe. Filho de general, teve infância e juventude abastadas. Começou a escrever muito cedo e tornou-se o mais fértil escritor de sua época, tendo deixado, ao morrer, cerca de trezentas obras, entre as quais noventa e uma peças de teatro. Contam-se entre estas grandes sucessos de público, como *Henrique III e sua corte*, *Antony*, *A torre de Nesle* e *Kean*.

Em 1844 publicou *Os três mosqueteiros*, primeiro livro da série de capa e espada que transformaria Dumas numa celebridade internacional. Os três mosqueteiros são Athos, Porthos e Aramis, coadjuvados por D'Artagnan, jovem que migra da província para Paris sonhando integrar a guarda dos mosqueteiros do rei. As situações cheias de humor, o suspense e as surpreendentes reviravoltas da trama transformaram o livro num sucesso imediato. *Os três mosqueteiros* continuam suas aventuras em dois outros livros: *Vinte anos depois* e *O visconde de Bragelonne*.

Além de *Os três mosqueteiros*, seus romances mais famosos são *O conde de Monte Cristo*, *A rainha Margot*, *O colar da rainha*, *A condessa de Charny* e *Memórias de um médico*, entre muitas outras obras que lhe renderam fama e fortuna. A abundância de sua produção tornou-se possível graças ao apoio de uma grande equipe, que lhe sugeria o enredo de muitas histórias, elaboradas por Dumas em seu delicioso estilo.

Dumas não conseguiu preservar a fortuna que a literatura lhe proporcionou e morreu arruinado.

O jovem D'Artagnan

O jovem D'Artagnan saiu da casa paterna na Gasconha aos vinte anos, quando se sentiu capaz de enfrentar a vida em Paris. Seu sonho era pertencer aos mosqueteiros, a guarda especial do rei, na qual seu pai havia servido. Os mosqueteiros eram muito apreciados pelo rei Luís XIII, a quem eram fanaticamente leais, e muito temidos pelo Cardeal Richelieu, o poderoso ministro do monarca. As aventuras vividas pelo seu pai na suntuosa e rica Paris, contadas com riqueza de detalhes, faziam o jovem sonhar com a bela farda dos mosqueteiros.

Seu pai era um nobre de boa estirpe e nenhuma fortuna, sendo toda a sua riqueza a reconhecida honradez e a inquebrantável coragem.

Ao permitir a partida de seu filho, entregou-lhe a espada de bom aço, que usara a serviço do rei, um cavalo velho e estropiado e quinze escudos, o pouco dinheiro de que dispunha. Juntamente com muitas advertências e conselhos, fez questão de recomendar:

– Ao chegar à corte, não se esqueça nunca de que você é um nobre. Você só deverá inclinar-se diante do nosso bom rei Luís XIII e de Richelieu, o Cardeal. Nunca se humilhe diante de ninguém e, se for necessário, defenda sua honra com esta espada, que jamais foi vencida.

D'Artagnan partiu, levando apenas duas mudas de roupa e um ou outro objeto de uso pessoal.

No bolso junto ao peito, levava uma carta escrita por seu pai e destinada ao Sr. de Tréville, oficial comandante do Regimento dos Mosqueteiros, velho amigo e companheiro de armas de seu pai. Nela havia o pedido de incorporar o jovem fidalgo aos valentes mosqueteiros.

Cavalgando sem pressa para não sacrificar sua velha montaria, D'Artagnan alcançou a cidade de Meung, a meio caminho de Paris. Como já passava do meio-dia, dirigiu-se a uma estalagem para comer alguma coisa e dar descanso ao animal.

Ao aproximar-se da porta de entrada, notou que um pomposo e arrogante fidalgo apontava a um grupo de amigos a figura lastimável de seu cavalo. Todos riam e faziam comentários pouco elogiosos sobre as qualidades do velho rocim.

D'Artagnan, que não era muito calmo e se irritava com facilidade, achou que, ofendendo seu cavalo, ofendiam o dono também. Tratou de tirar satisfações.

– O senhor está rindo de meu cavalo, por acaso? – perguntou, dirigindo-se ao nobre que parecia comandar os outros.

– É verdade. Raras vezes vi um cavalo tão feio, magro e desengonçado! – respondeu o outro com um risinho trocista.

– Rir do cavalo é fácil. Que tal fazer o mesmo com seu dono?

– Ora – retrucou o provocador –, rir-se de tão destemido cavaleiro seria uma imprudência!... – Era evidente que zombava do rapaz.

Furioso, D'Artagnan desembainhou sua espada e avançou:

– Defenda-se ou terei de feri-lo assim mesmo.

O nobre olhou desdenhosamente para o afoito e voltou-lhe as costas, sem lhe dar a mínima importância.

Com grandes passadas, D'Artagnan adiantou-se e postou-se diante dele, já com a espada em riste.

– Se for um homem de brio, tire sua espada e lute! Só assim poderei apagar a ofensa que me fez.

Com um ar de grande aborrecimento, o homem exclamou:

– Ao diabo com esse cavaleiro gascão e sua honra ferida!

E, com um sinal enérgico, fez com que seus dois criados se atirassem sobre o jovem guerreiro, aplicando-lhe uma série de pancadas que o deixou atordoado, caído no chão de terra.

Aproveitando que o jovem estava inconsciente, o fidalgo mandou que o rapaz fosse revistado, no que foi prontamente obedecido pelo estalajadeiro.

– Ele tem algumas roupas limpas, quinze escudos e uma carta endereçada ao Sr. de Tréville.

Isso pareceu interessar ao nobre, que se apoderou da carta, enquanto olhava mais atentamente para as feições do ferido, como se quisesse guardá-las na memória.



Depois da partida do nobre com seus criados, o dono da estalagem, penalizado com o estado do jovem, amparou-o até a cozinha, onde lhe fez alguns curativos e ajeitou-lhe as roupas sujas e amarrotadas.

D'Artagnan, quando chegou à estalagem, havia notado que o fidalgo, com quem depois se desentenderia, falava com uma mulher jovem e muito bonita, no interior de uma carruagem. Pálida, loura, com grandes e expressivos olhos azuis, possuía um rosto que o jovem gascão não poderia esquecer facilmente. Notou que tinham certa intimidade e que falavam em inglês, embora não pudesse entender o que diziam. E a cena ficou-lhe gravada na memória.

Com um pano enrolado na cabeça e ainda um tanto abalado pelas pancadas recebidas, D'Artagnan resolveu pernoitar ali mesmo, já que a tarde ia a meio e ele tinha uma longa jornada pela frente.

Na madrugada seguinte, quando se preparava para partir, deu falta da carta destinada ao Sr. de Tréville. Furioso, ameaçou incendiar a estalagem, caso ela não lhe fosse devolvida. O dono do estabelecimento, assustado, acabou por lhe contar que o fidalgo com quem brigara havia se apossado da carta.

– Assim que chegar a Paris, vou me queixar ao Sr. de Tréville e ele há de comunicar esse crime ao rei! – exclamou, socando furioso a mesa da sala.

Depois de pagar a conta, montou no seu tão desprestigiado cavalo e, num passo lento mas contínuo, alcançou Paris no final da tarde do mesmo dia.

Já na cidade, conseguiu vender seu fiel amigo na primeira cavaliariça que encontrou, já que o preço era realmente ínfimo. Depois, com a bagagem debaixo do braço, andou pela cidade até encontrar um alojamento que estivesse de acordo com seus poucos recursos.

Encontrou uma pensão na Travessa dos Coveiros, local frequentado por trabalhadores braçais e malandros mas que, além de cobrar pouco pelas acomodações, tinha a vantagem de ser próxima ao Palácio de Luxemburgo. Ali informou-se sobre o endereço do Sr. de Tréville e ficou muito satisfeito quando soube que a mansão do fidalgo não ficava muito distante de onde se hospedara. Esse fato lhe pareceu um bom presságio.

O Sr. de Tréville

O Sr. de Tréville, em sua juventude, havia chegado a Paris atrás de fortuna e aventuras. Como tinha uma inteligência privilegiada e uma coragem a toda prova, não demorou a ser aceito no exército real. Seu pai havia sido um fiel servidor do rei Henrique IV, tendo se destacado por sua bravura e lealdade.

Quando o velho Sr. de Tréville faleceu, Luís XIII, que era filho de Henrique IV e o sucedera no trono, aceitou o jovem Tréville em sua guarda, nomeando-o capitão dos mosqueteiros. Com o tempo, o rei afeiçoou-se ao dedicado e bravo servidor.

Satisfeito com a carreira e orgulhoso do quanto havia conquistado em sua vida, o Sr. de Tréville tinha como ambição máxima apenas comandar com eficiência os mosqueteiros e servir ao rei.

O Cardeal Richelieu, ministro de Luís XIII e homem de enorme poder político, vendo a lealdade com que os mosqueteiros serviam ao rei, resolveu criar uma guarda para si próprio. Para isso buscava os melhores espadachins da França, fazendo uso, por vezes, de artimanhas para recrutá-los.

Com o tempo, as forças dos mosqueteiros do rei e os guardas do Cardeal começaram a alimentar uma perigosa rivalidade. Embora os duelos fossem proibidos, quase sempre ocorriam encontros entre soldados das duas forças, resultando em sangrentos combates.

Os comandantes, ao tomarem conhecimento dessas brigas, repreendiam asperamente os contendores, mas castigos mais severos nunca eram aplicados. Essa impunidade contribuía para o aumento da rivalidade e, em consequência, dos duelos.

O Sr. de Tréville era querido e admirado pelos amigos do rei e muito temido por seus inimigos. Recebia a todos com igual cortesia e sua mansão vivia cheia de mosqueteiros que, além de lhe servirem de guarda, sempre vinham em busca de algum conselho ou favor especial.